

FAUX APRESENTA

# ALENTEJO ALENTEJO

UM FILME DE SÉRGIO TRÉFAUT

PRÉMIO MELHOR FILME PORTUGUÊS INDIELISBOA 2014

ESTREIA 18 SETEMBRO

**DOSSIER  
DE  
IMPREENSA**

[www.alentejoalentejo.com](http://www.alentejoalentejo.com)

**CANDIDATURA DO CANTE ALENTEJANO A PATRIMÓNIO IMATERIAL DA HUMANIDADE · UNESCO**

COM OS CAMPONESES DE PIAS, CANTADORES DE ALDEIA NOVA DE SÃO BENTO, GRUPO DA CASA DO POVO DE SERPA, OS CEIFEIROS DE GUBA, GRUPO DO SINDICATO MINEIRO DE ALJUSTREL, PAPOILAS DO CORVO, CORO FEMININO CANTARES DE ALCÁÇOVAS, OS ROUXINÓIS DA DAMAIA, OS BUBEDANAS REALIZAÇÃO E PRODUÇÃO SÉRGIO TRÉFAUT MONTAGEM PEDRO MARQUES DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA JOÃO RIBEIRO IMAGEM JOÃO RIBEIRO, MARTA PESSOA SOM MIGUEL MORAES CABRAL, OLIVIER BLANC, ARMANDA CARVALHO FINANCIAMENTO CÂMARA MUNICIPAL DE SERPA CO-FINANCIAMENTO RTP, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



## SINOPSE

**Alentejo, Sul de Portugal. Dezenas de grupos amadores reúnem-se regularmente para ensaiar antigos cantos polifónicos e para improvisar modas sobre o tempo presente. Isto é o cante.**

**Nascido nas tabernas e nos campos, o cante transmitiu-se ao longo de várias gerações. Nas últimas décadas, com a diáspora alentejana, novos grupos surgiram na periferia de Lisboa e em diversos países de emigração. Muitos deles formados por adolescentes e crianças, provando que o cante está vivo e é o traço identitário de toda uma população.**

***Alentejo, Alentejo* é uma viagem a um modo de expressão musical único e à paixão dos seus intérpretes.**

*Eu sou devedor à terra  
A terra me está devendo  
A terra paga-me em vida  
Eu pago à terra em morrendo*



**Grupos de Serpa e Pias na Ermida de Santa Luzia cantam «Alentejo, Alentejo»**

## PARTICIPANTES



**Os Camponeses de Pias**  
"Pelo toque da viola", cancionero



**Cantadores da Aldeia Nova de São Bento**  
"Ó Lampião, lampião", cancionero



**Grupo Coral da Casa do Povo de Serpa**  
"Salsa verde", cancionero



**Os Ceifeiros de Cuba**  
"Ó água que vais correndo", cancionero



**Grupo Coral do Sindicato Mineiro de Aljustrel**  
"Hino dos Mineiros"



**Papoilas do Corvo**  
"Penteei o meu cabelo" (moda de baile)



**Grupo Feminino de Alcáçovas**  
"Portugal está na crise", letra contemporânea



**Cemitério de Peroguarda**  
"Solidão" (na campa de Michel Giacometti)



**Os Rouxinóis da Damaia**  
"Salsa verde", cancionero (primeiro ensaio)



**Os Bubedanas**  
"Como é grande o Alentejo", cancionero

## PARTICIPANTES



**Catarina Amador (Baleizão)**  
“Ó filha, como é que tu vais ver a santinha, se tu não tens nem sapatos?”



**Joaquina e José Simão Miranda (Damaia)**  
“O Cante está no nosso ADN”



**Ermelindo Galinha (Cuba)**  
“Para ser ponto (solista) tem de ser uma voz que sabe dar o balanço à moda”



**Carlos Arruda (Beja)**  
“Houve uma época em que o cante era foleiro”



**Bento Maria Adegas (Safara-Lisboa)**  
“Foram cigarras e pássaros que ensinaram os alentejanos a cantar”



**Buba Espinho, Jil Galinha, Luís Soares (Beja)**  
“Sempre que eu sinto a letra, canto melhor”



**Escola Básica de Vila Nova de São Bento**  
“O meu pai trabalha nos ferros”



**Escola Básica de Aljustrel**  
“Quero ser forçado e cavaleiro”



**Escola Básica Condes da Lousã (Damaia)**  
“Era um homem que tinha uma mágoa de uma mulher” (explicando a letra de uma moda)



**Panificadora Soares Limitada (Safara)**  
“Ninguém tira o meu cantar por que está dentro de mim”

# FICHA TÉCNICA

**realização**

Sérgio Tréfaut

**montagem**

Pedro Marques

**direcção de fotografia**

João Ribeiro

**imagem**

João Ribeiro

Marta Pessoa

**som**

Miguel Moraes Cabral

Olivier Blanc

Armanda Carvalho

**correção de cor**

Paulo Américo

**misturas de som**

Luís Delgado

Branko Neskov

Vasco Pimentel

**projecto financiado por**

Câmara Municipal de Serpa

**co-financiamento**

RTP – Rádio Televisão de Portugal

Fundação Calouste Gulbenkian

**produção**

Sérgio Tréfaut / Faux

**distribuição**

Faux

**produção lançamento****comunicação**

Elsa Barão

MARCA ASSOCIADA

**ESPORÃO**

# NOTA DO REALIZADOR

## A MINHA DESCOBERTA DO ALENTEJO

Descobri o Alentejo na minha adolescência. O meu pai, originário da margem esquerda do Guadiana, queria muito que eu conhecesse a terra dos seus antepassados e o terreno fértil onde estava a nascer a «Reforma Agrária». Enviou-me para passar uma semana na casa de camponeses da Amieira, a aldeia de onde provinham os trabalhadores que cultivavam a terra na Quinta da Esperança, o monte onde ele tinha crescido, junto ao rio Ardila.

Confesso que foi muito importante para mim ter vivido o quotidiano de uma família na Amieira, aos 12 anos. Senti na pele o abismo que existia entre o mundo cosmopolita em que eu tinha crescido primeiro no Brasil, depois em Paris, rodeado de exilados políticos, jornalistas e universitários, e o modo de vida pobre de uma pequena aldeia alentejana, onde toda a gente trabalhava no campo e, com sorte, aprendera a escrever o nome depois dos 40 anos. Perturbou-me e comoveu-me a generosidade das pessoas que me ofereciam absolutamente tudo o que tinham, sem ter nada. Lembro que a casa de banho, recente e precária, ficava fora da casa. O duche era improvisado com uma mangueira de água fria. No primeiro dia devo ter comido frango porque era visita. Mas depois habituei-me à açorda de alho, algo que já conhecia da minha infância brasileira, nos dias em que a empregada nordestina, dava uma gargalhada e perguntava ao meu pai: «Hoje o Seu Miguel quer uma sopa de água?». Lá em casa, toda a gente se espantava com a delícia com que o meu pai comia aquela água fervida com alho, coentros e um ovo escalfado. Depois voltei muitas vezes ao Alentejo. Rodei várias sequências dos meus documentários por lá (*Outro País, Fleurette*) e até filmei a quase totalidade da minha primeira ficção (*Viagem a Portugal*).

Ao mergulhar no Alentejo hoje, já em idade madura, reencontro pessoas de uma fé generosa e panteísta, por quem tenho imenso carinho. Sinto que, para eles, a Senhora de Guadalupe, os Reis Magos, Catarina Eufémia e os rebanhos de ovelhas que passeiam na planície são santos de um mesmo altar.

A respeito do cante, a história é muito simples: foi graças a um grupo de camponeses alentejanos reunidos em serenata, por baixo da janela do quarto onde a minha mãe dormia pela primeira vez, que o meu pai conseguiu convencê-la a deixar a França para casar com ele. Ao longo da vida, a minha mãe chorava sempre que ouvia cantares alentejanos numa taberna. Ela gostava muito de tabernas. Não creio que a razão da sua emoção fosse apenas a lembrança do seu namoro com o meu pai, mas a poderosa comoção que aquelas vozes saídas do fundo da terra lhe causavam. Comigo acontece o mesmo.

Sérgio Tréfaut

# SÉRGIO TRÉFAUT

Sérgio Tréfaut nasceu no Brasil em 1965, filho de pai português e de mãe francesa. Estudou filosofia na Sorbonne (Paris I) e começou a sua vida profissional em Lisboa, nos anos 90, como jornalista e assistente de realização de autores como Teresa Villaverde, José Álvaro de Moraes e António Campos. Desde há 20 anos é produtor e realizador.

Entre 2004 e 2010 dirigiu o Festival Doclisboa, foi durante vários anos presidente da Apordoc (Associação Portuguesa de Documentário).

Os seus documentários foram exibidos em mais de 40 países e receberam diversos prémios internacionais. **Lisboetas** foi o primeiro documentário português a estar três meses consecutivos em cartaz no circuito comercial. Destacam-se ainda **Outro País**, **Fleurette** e **A Cidade dos Mortos**.

A sua primeira longa metragem de ficção **Viagem a Portugal**, com Maria de Medeiros e Isabel Ruth nos papéis principais, recebeu 3 prémios internacionais e vários prémios em Portugal.

## FILMOGRAFIA

### **Viagem a Portugal**, 75', ficção, 2011

TAIGA DE OURO – SPIRIT OF FIRE IFF – RÚSSIA / PRÉMIO RESELLUMES GIJÓN IFF – ESPANHA / PRÉMIO MELHOR LONGA-METRAGEM E MELHOR ACTRIZ SECUNDÁRIA (ISABEL RUTH) – CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS / NOMEAÇÕES PARA OS GLOBOS DE OURO: MELHOR FILME, MELHOR ACTRIZ (MARIA DE MEDEIROS).

### **A Cidade dos Mortos**, 64', documentário, 2009

ESTREIA MUNDIAL EM COMPETIÇÃO IDFA – AMSTERDAM 2009 / GRANDE PRÉMIO DOCUMENTA MADRID 2010 / 2 MESES EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS EM PORTUGAL / APRESENTADO EM MAIS DE 30 PAÍSES

### **Lisboetas**, 100', documentário, 2004-2005

MELHOR FILME PORTUGUÊS – INDIELISBOA / MELHOR DOCUMENTÁRIO – URUGUAY INTERNATIONAL FILM FESTIVAL / MELHOR DIRECÇÃO E MELHOR MONTAGEM – CINEPORT BRASIL / 3 MESES EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS EM PORTUGAL

### **Fleurette**, 80', documentário, 2002

JORIS IVENS COMPETITION IDFA – AMSTERDAM / GRANDE PRÉMIO LES ECRANS DOCUMENTAIRES / MELHOR MONTAGEM DOCLISBOA / MELHOR FILME TRANSFRONTERA EXTREMA'DOC / DIRECTOR'S FORTNIGHT MOMA MUSEUM OF MODERN ART – NEW YORK / DISTRIBUÍDO EM 7 PAÍSES

### **Outro País**, 70', documentário, 1999

MELHOR DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS FESTIVAL DA MALAPOSTA 1999 / GOLDEN GATE AWARD SAN FRANCISCO FILM FESTIVAL

### **Alcibíades**, 25', ficção-experimental, 1992

FESTIVAL INTERNACIONAL DE LOCARNO PARDI DI DOMANI / MENÇÃO ESPECIAL CENTRE NATIONAL DU CINÉMA PARIS

# O CANTE HOJE

## Rejuvenescimento do Cante

Grupos de Jovens de 17 a 22 anos, que não querem estar no grupo dos antigos e formaram recentemente os seus próprios grupos (ensinados pelos antigos). Exemplos: Os Bubedanas (Beja), Os Mainantes (Pias).

## Cante nas Escolas

O ensino do Cante Alentejano tem sido organizado e promovido no âmbito escolar por vários municípios: Castro Verde, Serpa, Damaia...

Exemplo especial: «Os Rouxinóis da Damaia»

## Cante Feminino

As mulheres sempre cantaram na monda, na ceifa, em outros trabalhos do campo, no lavadouro. Mas não iam à taberna, onde só iam os homens. Os grupos organizados de mulheres começaram a surgir logo depois do 25 de Abril de 1974 e são hoje em grande número.

## Diversidade

Grupos masculinos, grupos femininos, grupos mistos, grupos infantis (que também surgiram logo em 74-75). Exemplos de grupos mistos: Évora, Peroguarda... No passado, mesmo alguns grupos tradicionalmente masculinos, como Serpa, chegaram a integrar uma mulher para fazer a voz de alto.

## Interpretações

A mesma moda é cantada de formas totalmente diferentes segundo os grupos e as regiões. Há variações de letra, variações de melodia, variações de ritmo. Exemplo: «Menina estás à janela» cantada por Vitorino e por grupos tradicionais. Ainda mais evidente: «Ao romper da bela aurora» cantado por músicos citadinos (Né Ladeiras e Brigada Victor Jara) ou cantado pelos Ceifeiros de Cuba.

## Património Popular

A maior parte deste repertório é de modas cujo autor se desconhece (música e letra). São património comum. Todos os alentejanos conhecem este repertório. Curiosidade: fazer experiência nas ruas ou em tabernas... pedir para as pessoas cantarem esta ou aquela moda. Todos sabem! Particularmente no Baixo Alentejo e na margem esquerda do Guadiana.



### **Temática**

Existem modas de trabalho (ceifa, monda, varejo, arado); existem todo o tipo de modas de amor (púdicas, apaixonadas e brejeiras); existem modas ditas pesadas e modas ditas leves; existem modas pagãs e cantos religiosos (Cante ao Menino, Cante aos Reis, etc); existem modas paradas, modas de desfile e modas de baile. Mas também existem modas históricas (ao Rei D. Carlos, por exemplo) e uma enorme variedade de modas políticas (contra a Pide, sobre a Guerra colonial, modas em louvor a Catarina Eufémia, à Reforma Agrária, à Revolução... mas também modas em louvor a Salazar! – em arquivo na RDP). Todos os meses criam-se novas letras e novas modas. Algumas falam claramente do Portugal de hoje. Ex: «Portugal está na Crise» (no filme). Até falam da Troika!

### **Implantação dos grupos**

Contrariamente à maior parte da música popular portuguesa cujo levantamento foi feito por Lopes Graça e Michel Giacometti nos anos 60 (e que em grande parte desapareceu totalmente), o Cante Alentejano está vivo, muito vivo, com mais de 150 grupos que actuam regularmente. Não estão apenas no Baixo Alentejo, existem alguns no Alto Alentejo e existem muitos nos arredores de Lisboa, fundados pelos imigrantes do Sul. Apenas alguns exemplos: Os Amigos do Feijó (Feijó); Grupo Coral da Amadora (Amadora); Amigos do Barreiro (Barreiro); Os Alentejanos da Damaia (Damaia); Estrelas do Guadiana (Tires)... Também existem grupos nos círculos da imigração: Canadá, França, Alemanha, etc.

### **Cante espontâneo**

Os grupos corais alentejanos não são a única forma de expressão deste canto. A sua versão mais frequente é a improvisada nas tabernas, nos almoços, nas festas. Improvisadamente. Com homens e mulheres. O cante espontâneo na actualidade já não é associado ao trabalho rural (onde a mecanização alterou os hábitos), mas continua a ser o ponto forte de qualquer forma de convívio.

## CRÍTICAS

“O que Sérgio Tréfaut faz a partir do cante alentejano ao longo da hora e meia de «Alentejo, Alentejo», é uma espécie de retrato sensorial daquela região portuguesa tendo o cante como centro de gravidade, um trajecto pelo último meio século do Alentejo que usa o cante como “revelador” e “catalisador” do que mudou (e do que não mudou) a sul do Tejo. É um filme que se inscreve na linhagem dos anteriores documentários do realizador, *Lisboetas* (2004) e *A Cidade dos Mortos* (2009) – uma busca do que faz, explica e mantém unida uma comunidade, e se há coisa que o cante alentejano é por natureza é comunitário. Talvez seja isso que explique porque é que, ao recentrar o seu olhar numa comunidade portuguesa, depois de ter olhado para os imigrantes em Lisboa e para os “ocupantes” dos cemitérios cairotas, Tréfaut capta com uma sensibilidade notável a alma de uma região que se revela através da sua música.”

**Jorge Mourinha, Público, 25-04-2014**

“Neste filme de Sérgio Tréfaut, cujo modo sensível e tocante de registar em imagens se conhece de outros filmes, a câmara torna-se íntima, com uma aproximação que permite aceder aos mais recônditos ambientes. Entra pela padaria de Safara e pelas casas dos alentejanos, assenta arraiais nas cozinhas em que se faz a açorda de alho, coentros e azeite, enriquecida com ovos escalfados ou com bacalhau, e chega mesmo ao momento mais recatado e vulnerável, o do sono. (...) O carácter auto-referencial, patente no título, remete para gente que olha para a terra que não tem – e, num tempo longo, não há memória de ter possuído – e a louva com um amor intenso, uma tristeza espessa quando tem de partir, uma saudade imensa na diáspora.”

**Paula Godinho, Le Monde Diplomatique, Maio 2014**

“Há muito mais por descobrir no universo musical português do que os lamentos urbanos de renome mundial, conhecidos como Fado – é o que mostra o filme de Sérgio Tréfaut «Alentejo, Alentejo». Existe uma celebração polifónica, rural, uma forma tradicional de cantos, conhecida como cante Alentejano - ou apenas ‘cante’ para encurtar. – O filme ganhou o prémio de melhor longa-metragem portuguesa na sua estreia mundial no principal festival do país, IndieLisboa, e tem perspectivas para uma próspera carreira em festivais internacionais. (...) Muito deste mérito deve ser atribuído à equipa de captação de som – Miguel Moraes Cabral, Olivier Blanc, Armanda Carvalho – que nos oferece gravações com um brilho e uma limpidez extraordinárias e que certamente se prestam a um CD com a banda sonora do filme muito bem sucedido.”

**The Hollywood Reporter, Neil Young (13-05-2014)**

“Neste texto (e isto é um aviso) não me pouparei ao uso de adjectivos elogiosos – maravilhosa jornada emocional sobre a história do “cante”, as suas raízes, a sua ligação à cultura agrícola e culinária. (...) A fotografia – o director é João Ribeiro – é única. (...) Magnífica. (...) Ribeiro revela um olho fantástico para a composição. (...) Obrigado por deixar as cenas desenrolarem-se, por ser lento = respeitoso, por deixar que as personagens se expressem! (...) Tenho acompanhado o trabalho documental de Sérgio Tréfaut desde há muitos anos. Vi o seu filme sobre a Revolução em Portugal *Outro País*, o seu filme caloroso com sua mãe *Fleurette*, o seu *Lisboetas*, o trabalho no Egipto *A Cidade dos Mortos*. São todos bons, no entanto, o novo *Alentejo, Alentejo* parece-me ser o mais maduro e rico documentário, tanto informativo como emocional, saído das suas mãos.”

**Filmkommentaren, Tue Steen Müller\* (05-08-2014)**

“No meu texto não utilizei a palavra «Masterpiece», mas poderia tê-lo feito. Sérgio Tréfaut ofereceu-nos um maravilhoso «Alentejo, Alentejo» sobre a tradição do Cante e muito mais que isso. Fiquei preso pelo coração, pelos ouvidos, e pelo olhar, graças à fotografia de João Ribeiro, pela composição, ritmo, respeito e amor.”

**facebook - Tue Steen Müller\* (05-08-2014)**

\* Tue Steen Muller foi fundador do EDN (European Documentary Network) e seu director durante os dez primeiros anos. Actualmente é crítico de cinema e consultor internacional.

FAUX APRESENTA

# ALENTEJO

# ALENTEJO

UM FILME DE SÉRGIO TRÉFAUT

PRÉMIO MELHOR FILME PORTUGUÊS INDIELISBOA 2014

**ESTREIA NACIONAL 18 SETEMBRO**

**Lisboa**

UCI El Corte Inglés

**Porto**

UCI Arrábida

**Almada**

Cinemas NOS Almada Fórum

**Exibições em Teatros e Cineclubes**

**Marcações para grupos escolares**

Luísa Nora (tlm. 916 979 172)

luisanora@hotmail.com

**para mais informações**

Elsa Barão (tlm. 965 099 889)

elsabarao@gmail.com

faux.pt@gmail.com

www.alentejoalentejo.com

